

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

23 e 25 de Novembro de 2021

SIAMMO DONNE – DIVAS DO CINEMA ITALIANO

## SABATO, DOMENICA e LUNEDÌ / 1990

Um Filme de Lina Wertmüller

Realizadora: Lina Wertmüller / Argumento: Eduardo De Filippo (peça de teatro) Raffaele La Capria, Lina Wertmüller / Diretor de Fotografia (35mm, cor): Carlo Tafani / Cenários: Enrico Job / Guarda-roupa: Benito Persico / Música: Pino D'Angiò, Greco, António Sinagra / Montagem: Pierluigi Leonardi / Som: Cesare D'Amico / Interpretação: Sophia Loren (Rosa Priore), Luca de Filippo (Don Peppino Priore), Luciano De Crescenzo (Luigi de Ianniello), Alessandra Mussolini (Giulianella), Lucio Amelio (Podestà) e outros.

Produção: Silvio Berlusconi Communications, Reteitalia / Produtores: Alex Conti, Carlo Ponti / Cópia: da Cinemateca Portuguesa (35mm), versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 99 minutos / Estreia Mundial: Estados-Unidos, 12 de Outubro de 1990, Festival Internacional de Cinema de Chicago / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

---

SABATO, DOMENICA, LUNEDÌ surge numa fase tardia de Lina Wertmüller, já longe do auge dos anos 70 e 80 em que alcançou relativa visibilidade internacional, com filmes, entre outros, de *commedia all'italiana*, MIMÌ METALLURGICO FERITO NELL'ONORE, e TRAVOLTI DA UN INSOLITO DESTINO NELL'AZURRO MARE D'AGOSTO, e deixa-se denotar como um filme simples, menos dado a excentricidades e mais focado no material já existente. A realizadora transpõe para a tela a homónima comédia teatral napolitana de Eduardo de Filippo, que teve bastante sucesso internacional na década de 50, transformando-a num filme televisivo aqui abrilhantado pela sua projeção em película. Wertmüller conta com a colaboração continuada de Sophia Loren, com quem já tinha realizado, em 1978, UN FATTO DI SANGUE FRA DUE UOMINI PER CAUSA DI UNA VEDOVA, SI SOSPETTANO MOVENTI POLITICI (título aqui resumido e que, por mera curiosidade, é o mais longo da história do cinema).

Loren, nos seus 55 anos, interpreta naturalissimamente o papel de Rosa Priore, mãe de uma família tradicional napolitana, que prepara o seu famoso ragù ao longo de um fim-de-semana para um banquete dominical, enquanto receia ter perdido o afecto do marido, Luca de Filippo, filho do autor da peça e Don Peppino Priore no argumento, dada a irritabilidade constante que ele demonstra na sua presença. A grande casa à beira mar onde o casal vive com os filhos, o avô e as tias, constitui praticamente todo o cenário do filme, situando-se na comuna italiana de Pozzuoli, perto de Nápoles, onde Sophia Loren chegou a residir na sua juventude, inclusivamente durante a Segunda Grande Guerra, o que poderá ter realçado a aura de familiaridade que emana ao longo do filme.

O tema é antigo, o ciúme conjugal, e a apresentação do filme prefigura o conflito fulcral que o movimenta: enquanto Rosa passeia pelo mercado em busca dos elementos para fazer o seu famoso molho *ragù* no fim de semana, discutindo com a população sobre a essência da receita numa demonstração de típico orgulho italiano, Don Peppino esconde suspeitamente um revólver na algibeira antes de se dirigir para casa. A agitação aumenta progressivamente, à medida que o marido descarrega em todos os membros da família sem razão aparente, criando uma série de mal-entendidos e provocando um mau estar geral cujos contornos apenas se definem com a entrada de Luigi Iannello (Luciano De Crescenzo), o carismático e expansivo professor e vizinho que Peppino vê como rival imaginário. A tragicomédia dá lugar a um drama real ao longo do almoço do dia seguinte, no qual Rosa é acusada de traição com Iannello, insurge-se e colapsa de desgosto, provocando uma súbita e triste consciencialização do marido.

Se a teatralidade desta reinterpretação cinematográfica, que foca maioria dos seus enquadramentos no seguimento do diálogo, nas personagens que no seu espaço interagem e na sucessão de discussões de tom semelhante, se reflete numa certa monotonia narrativa, regra que excetua os planos melancólicos da solidão de de Filippo, esta é parcialmente salva pelos seu ambiente humorístico e pela leveza familiar que acompanha os momentos relativos aos diversos membros que povoam a casa Priore. As histórias paralelas dos filhos (entre os quais se destaca Alessandra Mussolini, sobrinha de Loren e neta do antigo ditador Italiano), e as conversas informais das tias que a tudo assistem e tudo comentam, cortam a linha primária da história, e constituem uma coreografia dos diálogos que respeita uma visão de grupo muito própria à cinematografia de Wertmüller, ainda que numa versão mais contida.

A catástrofe familiar termina com uma dupla reconciliação. Afinal, todo o conflito é imaginário e uma comédia assim não poderia senão ter um final feliz. Depois de uma noite de melancolia e de um *flashback* pouco inventivo que o leva a recordar o seu passado com a mulher, Don Peppino apresenta as suas desculpas a Iannello e atira a sua *arma de Tchekov* ao mar, livrando-se simultaneamente da culpa e da artimanha narrativa, e exprime os seus remorsos junto de Rosa. Concluem que a origem dos seus malogros é o amor que nutrem, e, como a metáfora muito explícita no filme indica, que uma relação é como o *ragù*, que deve ser cozinhado com muito cuidado e atenção, em lume brando.

Manuel João Montenegro